

As perspectivas críticas sobre o sujeito, a linguagem e a identidade em Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger e Jacques Derrida

Prof. Me. Renato Marcelo Resgala Júnior*

Resumo: O presente artigo foi elaborado de modo a apontar as correlações interdisciplinares entre saberes como a linguagem, a história e a filosofia, que se dialogam em seus movimentos teóricos, seus processos históricos, suas bases estruturais e simbólicas, criando uma imbricação recursiva na construção do discurso teórico no campo das Ciências Humanas. Para que se visualize um panorama das discussões que se efetuarão, este artigo será determinado e construído a partir de um duplo horizonte metodológico: a) primeiramente, realizar-se-á uma apresentação de conceitos e perspectivas teóricas do discurso como o que é o homem, por extensão, cultura, arte etc., através dos apontamentos de Friedrich Nietzsche (1845-1900), Martin Heidegger (1889-1976) e Jacques Derrida (1930-2004); b) a correlação na construção do discurso das Ciências Humanas dos fatores *interdisciplinares* (as inter-relações entre Filosofia, Artes e História), disseminado pela teoria proveniente dos Estudos culturais na contemporaneidade. O que se percebeu, ao final, é a recorrente identificação do pensamento de Nietzsche, Heidegger e Derrida com as teorias críticas da cultura da contemporaneidade (neste artigo, tratar-se-ão as ideias de Stuart Hall acerca do conceito de identidade cultural), assim como as análises da filosofia da linguagem e das perspectivas interdisciplinares no discurso das Ciências Humanas.

Palavras-chave: Filosofia da Linguagem; Estudos Culturais; Interdisciplinaridade.

Introdução

Este artigo é o resultado de leituras e pesquisas direcionadas à literatura filosófica em torno dos conceitos de Homem, Cultura, Conhecimento, a partir de livros centrais do pensamento de Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger, Jacques Derrida e pensadores da cultura dos séculos XX e XXI). O objetivo deste artigo, portanto, é promover a discussão de pensamentos filosóficos, científicos e culturais acerca do *homem* e da *linguagem*. Para isso, este artigo se desdobra em dois caminhos (possibilidades de leitura) que se inter-relacionam e se dialogam.

De um lado, a leitura empreendida tendo como base as obras de Nietzsche (2003; 2008a; 2008b; 2008c; 2008d; 2008e; 2011; 2013), Heidegger (2010v.I-v.II;

*Mestre em Letras pelo Programa de Mestrado em Letras: Teoria Literária e Crítica da Cultura (Universidade Federal de São João Del Rei-MG). Professor de Literatura Comparada, Teoria literária e Literatura Portuguesa do curso de Letras e de Literatura Brasileira do curso de Pós-Graduação Lato-sensu em Estudos linguísticos e literários do Centro Universitário São José de Itaperuna-RJ.

2012; 2013) e Derrida (1994; 2009; 2010; 2012; 2014) possibilitaram um entendimento sobre os princípios e conceitos-chave como homem, identidade e arte. Por outro lado, a análise será torneada pelo encontro teórico da conceituação *da linguagem* – partindo da ideia de que possui valor intrínseco na própria vivência social e cultural do homem, sua expressão em face à sociedade – com as categorias de identidade, sujeito e homem. Nessa etapa, objetivou-se um mapeamento filosófico sobre o conceito em tornodesse sujeito, antes de tudo, cultural, o *homem* (de determinada conceituação nietzschiana, à visão da linguagem em Heidegger, para além da libertação das estruturas derridianas, ao encontro do pensamento cultural do pai dos Estudos Culturais – doravante EC –, Stuart Hall). Por meio dessas leituras, identificou-se que as bases filosóficas (Heidegger diria *destruidoras*), que questionaram a estruturação – enquanto pressupostos conceituais de imutabilidade *ad aeternum* – do discurso filosófico e cultural das Ciências Humanas, possuem relação basilar com o pensamento filosófico em Nietzsche, da crítica da linguagem em Heidegger e nas operações teóricas de Derrida.

Entrecruzando ideias, nos limites

Através da linguagem, o homem torna-se um *sujeito cultural*, pois é, com a palavra, que interage com os outros e o mundo. Dessa forma, o homem é: ele existe, enquanto ser, expressando-se, fazendo falar sua individualidade, suas identidades, no seu tempo e espaço culturais, por meio da linguagem.

As transformações simbólicas, culturais e científicas, operadas no pensamento e no imaginário ocidental do século XX, possibilitaram a emergência de um novo construto simbólico sobre o conceito de *homem* (pode-se falar em ‘novas leituras’). Entende-se que o homem é um ser (*ente, ser, sujeitosão*, pois, conceitos em que a ideia de humanidade está imiscuída) múltiplo, demarcado pela sua pluralidade identitária, *grosso modo*, o jogo de marcas e rastros do que se é, do que se apresenta no jogo da existência em suas pluralidades de vivências culturais.

O século XXI, por sua vez, tem suas portas culturais abertas às pluralidades de vivências e experiências na construção dos saberes. Hoje, *pensar é pensar com, pensar junto de, pensar aliado ao Outro*. Mas quem é esse outro? Por que o diferente ocasiona o medo e desconfiança? A alteridade, na contemporaneidade, mais que

pressuposto, deveria ser princípio e fim: a compreensão do outro e de si, por consequência – já que todos somos outros, também! -, em sua vivência, é precisa para a justiça social (disso, não duvidamos).

Nesse encaixo, qual é a relação entre o homem, sua linguagem e sua identidade na contemporaneidade? De que modo essas identidades se formam no homem? Como se dá o processo dessas identidades dentro de contextos de inserção e realização? É através da linguagem que o homem se expressa, apresentando-se em jogos de identidades. O homem fala e representa o mundo em suas possibilidades representativas (o homem criou e inventou o mundo, costumes e, mesmo, as tradições pela linguagem, como bem apontara Eric Hobsbawm (2005)). O homem, em sua identificação com o mundo, fala, portanto, cria sentidos.

A pluralidade linguística torna-se, em jogo, multiplicidades de práticas para se fazer a vida falar em suas intermitências. Linguagem, identidade e cultura se imbricam na formação do homem. Nietzsche via, nessa relação, muito mais do que a simples representação do ser, mas uma luta contínua da própria construção do ser em sua vida cultural, em seu contexto múltiplo de interação em que se jogam as máscaras representativas do ser.

O homem comunica-se, expressa-se, pensa, dialoga, fala, escreve, registra, cria suas memórias pelas palavras, construindo a representação de si e de seu tempo. Qual a relação entre linguagem e o contexto? Qual o valor da linguagem em sua projeção cultural, seu momento de realização? A cultura está onde há o enraizamento do discurso da moral e dos costumes (o pensamento na história da civilização humana traz consigo inúmeros fatos que remetem ao discurso da *tradição*); a cultura infere-se na habilidade, no exercício e na *inter-ação* do movimento cíclico *homem-mundo-coisa* (o homem intervém, participa, interfere e cria o seu mundo: Karl Marx, em uma de suas teses sobre Feuerbach, afirmava, em outras palavras, que os filósofos – e temos *filósofos*, como *educadores*, *pensadores*, *intelectuais*, professores – apenas tinham pensado o mundo de formas diferentes, mas que a questão fundamental seria como transformá-lo - e repito, é preciso transformar o mundo).

Filosoficamente, numa perspectiva, tudo o que no homem é e tudo aquilo que se traduz do, no e pelo homem (seu trabalho, sua arte, sua vida) é resultado de uma representação e da sua identidade, através da realização de processos ideológicos (em contínua transformação por meio de impulsões, vontades e ações) presentes na

linguagem; esta, por sua vez, é demarcada pela pluralidade semântica, na qual se jogam as realidades vividas pela palavra. É através da palavra que o homem é e se manifesta. Ao homem, a linguagem é inevitável, faz, pois, aparecer as identidades e os jogos de poder por detrás dos símbolos da linguagem.

O homem depende da linguagem, nela constrói sua vida, seu dia a dia, seu nome e sua existência. Viver só dá pra ser se for perigosamente, recalculando rotas em nossas próprias experiências e, para Nietzsche, o homem é, antes de tudo, uma passagem para o além-do-homem, a superação de si, o reconhecimento dos limites e a necessidade de se ultrapassar.

Friedrich Nietzsche, nascido em Röcken, pequena aldeia de Lützen, Alemanha, em 1844, desde sua adolescência, delineava os caminhos de sua formação filosófica, estudando com bolsas em bons colégios; aos 24 anos ingressara na Universidade de Basileia, como professor de Filologia e Literatura Clássica. Por complicações de saúde, cefaleias constantes e ataques de dor, afastara-se da docência a qual, até então, realizava com grande respaldo. Publicou livros que se tornaram, após sua morte, obras referenciais para o pensamento contemporâneo em torno da Filosofia, da Literatura e da Cultura. Para Nietzsche, a linguagem é o terreno das lutas dialéticas do pensamento e do ser.

Para o filósofo, o homem constrói o seu mundo pela sua ação, intervenção e colaboração, física ou intelectual, interagindo com o seu tempo e espaço, recriando, expressando-se e utilizando os sentidos e a lógica, o pensamento e a sua força, sua vontade de potência (vontade deve ser entendida como: querer; desejar; impulsionar; adquirir; impor sobre outro valor; dominar outrem). De acordo com Nietzsche (2008d), a *vontade de potência*, que é a vontade de superação e dominação, enleva, de um lado, no homem, a capacidade de inovação, elaboração, construção e aperfeiçoamento da vida humana e, de outro, a vontade de dominação sobre os outros (alteridade) e o mundo. Vale ressaltar que a palavra dominação adquire caráter plurissignificativo (que será, em um próximo estudo, ser discutido com mais detalhes). Dessa forma, o homem expressa-se nas suas ações, construindo, desconstruindo e reconstruindo continuamente a si, a seus pensamentos e a vida cultural que lhe cerca.

A evolução da linguagem possibilitou ao homem, antes de tudo, o ato de expressar-se, de realizar-se, enquanto sujeito, enquanto *ser cultural* (Nietzsche, 2011). O homem representa o mundo dando-lhe a temporização e a localização, i.e.,

o ambiente de contextualização que marca as suas identidades, assim como a época cultural que determina sua formação enquanto *sujeito cultural*. Somos sujeitos culturais porque com o 'aqui' e 'agora' do estar no mundo, em práticas de vivências, representamos o mundo (recriando, reinventando e renovando possibilidades de existir).

O homem é uma corda, atada entre o animal e o além-do-homem, uma corda sobre o abismo. Perigosa travessia, perigoso a-caminho, perigoso olhar-para-trás, perigoso arrepiar-se e parar. Grande no homem é que ele é uma ponte e não um fim: o que pode ser amado no homem é que ele é um passar e um sucumbir (NIETZSCHE, 2008e, p. 17)

A imagem é nítida: o homem e a ponte, símbolos que se jogam; a passagem para o além-do-homem é o destino, uma inconstância em busca do lugar, em transição, em evolução, em um processo contínuo de superação, o homem deve seguir ou voltar, superar-se ou acovardar-se e aceitar o que vier. A superação dos limites, a perda do centro (do Pai, Deus, Bem, Capital, pois falamos do período da alta industrialização e o embrionário capitalismo) e a autocrítica conduziram a evolução do ser.. A visão de Nietzsche sobre o sujeito dialogava com a conduta social e a moral do seu tempo, daí a superação do homem pelo homem caracterizar a formação identitária do *além-do-homem* (*Übermensch*), do que, mais tarde, chamou de perscrutador de entranhas, os independentes intelectuais (*espíritolivre*):

(...) Você deve tornar-se senhor de si mesmo, senhor também de suas próprias virtudes. Antes eram elas os senhores; mas não podem ser mais que seus instrumentos, ao lado de outros instrumentos. Você deve ter domínio sobre seu pró e contra, e aprender a mostrá-los e novamente guardá-los de acordo com seus fins. Você deve aprender a perceber o que há de perspectivista em cada valoração -, o deslocamento, a distorção e a aparente teleologia dos horizontes, e tudo o que se relaciona a perspectiva; também o quê de estupidez que há nas oposições de valores e a perda intelectual com que se paga todo pró e contra. Você deve aprender a injustiça necessária de todo pró e contra, a injustiça como indissociável da vida, a própria vida condicionada pela perspectiva e sua injustiça. Você deve sobretudo ver com seus olhos onde a injustiça é maior: ali onde a vida se desenvolveu ao mínimo, de modo mais estreito, carente incipiente, e no entanto não pode deixar de se considerar fim e medida das coisas e em nome de sua preservação, despedaçar e questionar o que for mais elevado, maior e mais rico, secreta e mesquinamente, incessantemente - você deve olhar com seus olhos o problema da hierarquia, e como poder, direito e amplidão das perspectivas crescem conjuntamente as alturas (...) (Id., 2008c, p.12-13)

O homem, comunicando-se, evoluiu na sua diferença, na sua territorialidade, na sua historicidade, na sua contínua capacidade de pensar e repensar o mundo e as coisas, representando-os e criando sentidos, dando-lhes formas e essências, conteúdo e imagem, possibilitando o desvelar, o apresentar e criar da arte:

A arte conjurando os mortos. — A arte exerce secundariamente a função de conservar, e mesmo recolorir um pouco, representações apagadas, empalidecidas; ao cumprir essa tarefa, tece um vínculo entre épocas diversas e faz os seus espíritos retornarem. Sem dúvida é apenas uma vida aparente que surge desse modo, como aquela sobre os túmulos, ou como o retorno de mortos queridos no sonho; mas ao menos por instantes o antigo sentimento é de novo animado, e o coração bate num ritmo que fora esquecido (...) (Id., 2008c, p. 200)

Questionando o status da arte e da cultura em relação ao homem, ao conhecimento e à filosofia, Heidegger pesquisou os arquivos e analisou conceitos filosóficos de Nietzsche, quando de sua estadia em Weimar. Martin Heidegger (que nasceu em 1889, em Messkirch, Alemanha, e falecido em 1976, na mesma cidade) foi filósofo, professor e reitor da Universidade de Freiburg. Os estudos de Heidegger se dirigiam a obra de pensadores da linguagem e da cultura, que o levaram a escrever grandes ensaios, pensamentos e teses, cada vez mais recuperados nos estudos contemporâneos de Literatura e Filosofia da Linguagem. Para Heidegger, os olhos, a física da visão, reconhecem elementos que circundam o ser e criam sentidos às coisas. Mundo, coisa e homem se reconhecem na interação, no cotidiano das práticas sociais, discursivas e culturais. As diferenças e semelhanças entre os homens se jogam: os dados da vida, da existência e do ser se rolam. É no saber, no exercício do pensar que a questão se apresenta:

A filosofia é o questionamento da questão, que procura a lei e disposição de nosso ser. Queremos tornar a filosofia realidade, questionando esta questão; um tal questionamento abre e liberta, à medida que colocamos a questão fundamental da filosofia (HEIDEGGER, 2012, p. 22)

O que é o saber para o homem? Antes de tudo, uma embriaguez dos sentidos e da razão, uma vontade de poder em fazer falar a voz do conhecimento e da necessidade de existir. Tudo o que no homem é e faz sentido se torna linguagem. Toda força e afluxo da vontade de ser realiza-se na linguagem. Seria, então, a linguagem um meio para o homem? A linguagem é um fator humano, que possibilita a própria existência em si. É com a linguagem que a vida desenrola-se na humanidade.

O homem fala. Falamos quando acordados e em sonho. Falamos continuamente. Falamos mesmo quando não deixamos soar nenhuma palavra. Falamos quando ouvimos e lemos. Falamos igualmente quando não ouvimos e não lemos e, ao invés, realizamos um trabalho ou ficamos à toa. Falamos sempre de um jeito ou de outro. Falamos porque falar nos é natural. Falar não provém de uma vontade

especial. Costuma-se dizer que por natureza o homem possui linguagem. Guarda-se a concepção de que, à diferença da planta e do animal, o homem é o ser vivo dotado de linguagem. Essa definição não diz apenas que, dentre muitas outras faculdades, o homem também possui a de falar. Nela se diz que a linguagem é o que faculta o homem a ser o ser vivo que ele é enquanto homem. Enquanto aquele que fala, o homem é: homem (Id., 2012, p. 07)

Dessa forma, o homem se torna homem – “Enquanto aquele que fala, o homem é: homem.” (Heidegger, 2012, p.07). Mas onde o homem consubstancia o que ele é pela linguagem? Através de seu trabalho, de sua arte, de sua função, de seu exercício de alteridade. Com a arte o homem manifesta a sua diferença enquanto indivíduo e sujeito. A arte apresenta um valor: o da memória, o da tradição, da representação do real. É com a arte que o homem identifica-se, enquanto cidadão. Dessa forma, pode-se afirmar que o homem e o pensamento traduzem-se num processo de construção, desconstrução, reconstrução e visualização ideológica pela sua capacidade crítica e cognitiva, o homem desenlaça, em face ao mundo, suas marcas de identidade cultural, traduzindo e reconstruindo continuamente sua vida cultural.

Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade*, apresenta, com clareza e objetividade argumentativa, um histórico da conceituação de Identidade. O pensador jamaicano distingue três concepções em torno do conceito de Identidade: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. *Grosso modo*, Stuart Hall deixa a entender que o homem, no decorrer do processo histórico de sua formação no ocidente, está inserido, continuamente, em processos de interação ou luta cultural, vivenciando a dialética da vida cotidiana: o significado de luta cultural se aresta com a busca pelo espaço próprio, objetivando a inserção das manifestações culturais, escritas ou não, em que os produtos literários são verificados na sua diferença, na arena de luta e jogo, entre a recusa e a aceitação. De outra forma, o *significado de um símbolo cultural* (de produtos culturais, também, considerados como símbolos, signos, formas culturais), *é atribuído em parte em parte pelo campo social a qual está incorporado, pelas práticas às quais se articula e é chamado a ressoar* (HALL, 2012, p. 258), chamado a se apresentar, incorporando-se a uma tradição local de produção ou se desvencilhando, isto é, rompendo com essa tradição e instaurando novas possibilidades de se repensar o processo de produção cultural. *O que importa (...) é o estado do jogo das relações culturais* (HALL, 2012, p. 258), o processo, a luta dialógico-cultural das identidades e, por conseguinte,

ideológica, na cultura e em torno dela, os meios em que se projetam a arte e a produção cultural de combate, resistência aceitação em face aos meios vigentes e às tradições, inventadas, que, muitas das vezes, selecionam, segregam e excluem. Para HALL (2012, p. 259), o local de produção cultural é heterogêneo, diferenciado, nunca estável e passível, mas ativo, mutável, uma *arena onde se desenvolve a luta de classes (...) é este entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo* (formas culturais, as produções literárias) *vivo e móvel, capaz de evoluir*, contraditório, que joga, distorcendo, dialogando, contrariando ou se incorporando com outras formas, símbolos, signos e manifestações culturais.

É na linguagem que residem as raízes identitárias culturais; com estas, o homem inventa, cria e adorna um mundo de possibilidades interpretativas (e não seriam as artes, sem reducionismos, também forças de criação múltiplas?), através da criação mnemônica. Traduzindo-se em linguagem, o homem reconstrói seus mundos de sentidos.

O ser humano é ao mesmo tempo singular e múltiplo. Dissermos que todo ser humano, tal como o ponto de um holograma, traz em si o cosmo. Devemos ver também que todo ser, mesmo aquele fechado na mais banal das vidas, constitui ele próprio um cosmo. Traz em si multiplicidades interiores, personalidades virtuais, uma infinidade de personagens quiméricos, uma poliexistência no real e no imaginário, no sono e na vigília, na obediência e na transgressão, no ostensivo e no secreto, balbucios embrionários em suas cavidades e profundezas insondáveis. Cada qual contém em si galáxias de sonhos e de fantasmas, impulsos de desejos e amores insatisfeitos, abismos de desgraças, imensidões de indiferença gélida, queimações de astro em fogo, acessos de ódio, desregramentos, lampejos de lucidez, tormentas dementes (...) (MORIN, 2002, p. 57)

Onde se operam as transformações das identidades culturais? É no local da cultura e com a linguagem cultural que o homem se torna o que é. A cultura é, de um lado, o discurso de poder, da tradição, de outro a demarcação de espaços de sua polivalência e multiplicidade de identidades, cada vez mais plurais, que se jogam, nas periferias dos grandes centros, em busca de espaço. A linguagem é o construto das multiplicidades culturais do ser.

Agora, observe-se o aforismo abaixo de Nietzsche:

A linguagem como suposta ciência - a importância da linguagem para o desenvolvimento da cultura está em que nela o homem estabeleceu um mundo próprio ao lado do outro, um lugar que ele considerou firme o bastante para, a partir dele, tirar dos eixos o mundo restante e se tornar seu senhor. Na medida em que por muito tempo acreditou nos conceitos e nomes de coisas como eternas verdades (verdades eternas), o homem adquiriu esse orgulho com que se

ergueu acima do animal: pensou ter na linguagem o conhecimento do mundo. O criador da linguagem não foi modesto a ponto de crer que dava as coisas apenas denominações, ele imaginou, isto sim, exprimir com as palavras o supremo saber sobre as coisas; de fato, a linguagem é a primeira etapa no esforçada ciência. Da crença na verdade encontrada fluíram, aqui também, as mais poderosas fontes de energia. Muito depois - somente agora - os homens começaram a ver que, em sua crença na linguagem, propagaram um erro monstruoso. Felizmente é tarde demais para que isso faça recuar o desenvolvimento da razão, que repousa nessa crença. - Também a lógica e baseia em pressupostos que não têm correspondência no mundo real; por exemplo, na pressuposição da igualdade das coisas, da identidade de uma mesma coisa em diferentes pontos do tempo: mas esta ciência surgiu da crença oposta (de que evidentemente há coisas assim no mundo real). O mesmo se dá com a matemática, que por certo não teria surgido, se desde o princípio se soubesse que na natureza não existe linha realmente reta, nem círculo verdadeiro, nem medida absoluta de grandeza (NIETZSCHE, 2008c, p. 20-21)

A cultura é um terreno de lutas ideológicas pela linguagem, um espaço de diferença e alteridade, que demarca a multiplicidade do homem. Ao artista cabe exercer a diferença através da arte. A arte é conhecimento, portanto, linguagem. Sendo linguagem e conhecimento, qual o valor de ciência na arte? As artes, enquanto representação do homem em face ao mundo, trazem consigo as marcas da pluralidade existencial e da multiplicidade ideológica: a arte tem caráter interdisciplinar. É na linguagem – enquanto discurso ideológico – que a Interdisciplinaridade opera. Na segunda metade do século XX, significativas mudanças no campo das Ciências humanas se deram.

1968, França. Jacques Derrida, renomado professor e diretor da École des Hautes Études em Science Sociales, em Paris, publica um livro que revolucionaria os paradigmas das Ciências Humanas e Sociais: “A Escrita e a Diferença”. Em “A estrutura, o signo e o jogo no Discurso das Ciências Humanas”, Derrida apresenta, em um primeiro momento, que a ordem do discurso reside-se na expressão da Estrutura. ‘Todo pensamento possui limites estruturais’, seria uma falácia que, dentro do jogo do saber, da linguagem, do discurso, precisava ser superada. Ramificações caracterizariam o espaço da linguagem, o pensamento rompe as barreiras que lhe moldam, buscando o novo, o contato, o interdisciplinar. As categorias estruturais do saber, das ciências rompem-se; para Derrida, o discurso das Ciências Humanas procura o espaço (intervalo) de contato com novas possibilidades teóricas e novas ordens discursivas. Dentro das academias, um espectro rondaria: o novo, o pensamento da desconstrução pós-estruturalista. Os conceitos de ‘centro’, ‘origem’ e ‘metafísica’ foram questionados e superados.

A partir do que chamamos portanto o centro e que, podendo igualmente estar fora e dentro, recebe indiferentemente os nomes, de origem ou de fim, de arque ou de télos, as repetições, as substituições, as transformações, as permutas são sempre apanhadas numa história do sentido (...) toda a história do conceito de estrutura, antes da ruptura de que falamos, tem de ser pensada como uma série de substituições de centro para centro, um encadeamento de determinações de centro. **O centro recebe, sucessiva e regularmente formas ou nomes diferentes.** A história da metafísica, como a história do Ocidente, seria a história dessas metáforas e metonímias. (DERRIDA, 2009, p. 408-409, grifos meus).

Mudam-se os tempos, mudam-se as perspectivas sobre a cultura, o homem e o mundo, parafraseando o vate lusitano Camões. A interdisciplinaridade emerge, no discurso das Ciências Humanas, como uma exigência, uma perspectiva sobre o pensar com as diferenças. Com a interdisciplinaridade, redes de conhecimento, de saberes se jogam em busca de entendimentos, leituras, explicações. Derrida assevera que as estruturas que regem, comandam e organizam o pensamento das Ciências Humanas precisavam romper as próprias barreiras. A ruptura a que Derrida infere refere-se aos contatos, aos movimentos de aceitação, rejeição e absorção de elementos específicos das múltiplas discursividades da linguagem das ciências – a perda do centro de referências nos processos metodológicos do pensamento, das ciências acarretou uma abertura entre áreas distintas do saber. É com o conceito de signo – e toda a sua carga semântica e plurissignificativa – que Derrida operacionaliza, por meio da crítica nietzschiana e heideggeriana, a abertura no discurso das Ciências Humanas. Superar a estrutura significaria questionar as bases do pensamento e suas cadeiras metodológicas. O que Derrida procura é fazer relacionar, fazer falar o signo, enquanto símbolo. É no signo – símbolo cultural, linguagem, discurso, arte, cultura – que ocorre o descentramento das bases filosóficas das Ciências Humanas: o movimento da interdisciplinaridade, com a plurissignificação dos signos e símbolos culturais que envolvem toda a estrutura discursiva nas áreas dentro das Ciências Humanas.

O que Jacques Derrida enuncia em seu ensaio sobre as operações que movimentavam o cenário acadêmico de seu tempo? Derrida provocou uma relativa modificação das estruturas do pensar com a publicação do livro “A Escrita e a Diferença”, introduzindo conceitos modulares operacionais que dialogaram com as bases vigentes do discurso científico. Contudo, em que lugar Derrida buscou seu *leitmotiv* para ambientar todo seu discurso? Com o processo de pensar da **desconstrução**.

Historicamente, as Ciências Humanas, perpassadas pela égide científica positivista do século XIX, pelo fator dos estudos antropológicos (como no caso de Levi-Strauss), pela consolidação do pensar enquanto estrutura e forma padronizadas (o movimento estruturalista, que perpassa pela educação de Jean Piaget e pela linguística de Ferdinand du Saussure, além de Noam Chomsky), as Ciências Humanas construíram em torno de si todo um arcabouço teórico, toda uma estruturalidade a qual lhe competia e lhe justificava, à medida em que se estruturam as áreas e o conhecimento teórico, o seu valor científico.

A interdisciplinaridade é a ruptura dentro do pensar nas Ciências Humanas, cujo espaço cognoscente veio à cena com a produção intelectual dos EC; estes, por sua vez, embasados pela inversão da metafísica nietzschiana, da destruição da metafísica ôntica do ser heideggeriana e da perspectiva da abertura do ser na *différance*¹ derridiana. Não só uma exigência do livre-pensar sobre a cultura, a arte e a ciência, o movimento da interdisciplinaridade é o construto da inventividade, da libertação do pensamento e do assenhoramento das razões de si (HEIDEGGER, 2010, v.I, p. 63) e do próprio exercício cognoscente². Nietzsche, de uma outra forma, descreveria tal processo:

“Ao fazer, deixamos de lado – No fundo, tenho aversão a todas essas morais que dizem: ‘Não faça isto! Renuncie! Supere a si mesmo!’ – mas tenho em boa conta as morais que me impelem a fazer algo e a refazê-lo, e sonhar com ele à noite e em nada pensar senão em fazê-lo bem, tão bem como somente eu posso fazê-lo! Quem assim vive, separa-se continuamente de cada coisa que não participa de tal vida: é sem ódio e repulsa que ele vê despedir-se hoje isso, amanhã aquilo, como folhas amarelecidas que um vento ligeiro arranca da árvore; ou ele nem vê que e despedem, tão rigorosamente o seu olhar se volta para a meta e sobretudo para a frente, não para o lado, para baixo ou para trás. ‘Nosso fazer deve determinar o que deixamos de lado: ao fazer, deixamos de lado’ – é assim que eu gosto, assim diz meu placitum (princípio). Mas não pretendo buscar de olhos abertos o meu empobrecimento, não me agradam as virtudes negativas – virtudes cuja essência mesma é a negação e a privação de si” (NIETZSCHE, 2011, p. 206)

Nesse interregno, surgem os EC, verdadeira retomada do valor da teoria crítica.

Os EC, hoje, promovem novos posicionamentos críticos em face ao saber: uma prática de reconhecimento dos códigos de vigência cultural, moral e científicos (Por exemplo, os EC têm seu invólucro histórico nos anos 60 e 70 do século XX, em que ocorre uma série de transformações de ordem cultural, como o movimento hippie, o movimento feminista, o movimento racial, como os *Black Panthers*, nos EUA; vale lembrar, ainda, os movimentos feministas e das minorias étnicas e sexuais) e o seu

diálogo com a humanidade. De fato, os Estudos EC são uma resposta em face ao tradicionalismo e ao elitismo às pesquisas e metodologias acadêmicas: uma resposta aberta, livre e questionadora das tradições que cercam os discursos. Onde há discurso, há pensamento cultural. Dessa forma, constituem os EC enquanto um movimento do pensamento em rede que desencadeia a aproximação teórico-metodológica dos campos da cultura, do saber, da arte e das ciências humanas. Pensar a cultura, o saber, as artes e as ciências sob um caminho interdisciplinar é a fundamentação filosófica dos EC.

Segundo Hall (2014), as influências, as leituras, as discordâncias e as ressonâncias do pensamento marxista (que formaliza o pensamento dialético dos EC), a recuperação da filosofia nietzschiana e a metodologia da desconstrução pós-estruturalista orientam as formatações do pensamento sobre a cultura e o homem.

Qual é o método filosófico que é pertinente ao processo de pesquisa dos EC? A Desconstrução teórico-filosófica da linguagem, como discurso do saber. Os EC, de outra forma, são a demarcação de *um olhar de fora*, às margens das categorizações estetizações de cada conhecimento em sua área, i.e., desse pensamento enquanto livramento diferencial que trouxe, pro cenário das Ciências Humanas e seu ensino, o próprio autoquestionamento do pensar, do exercício da construção do saber.

Enquanto bases da Interdisciplinaridade crítica, Nietzsche, Heidegger e Derrida vêm sendo reconhecidos dentro das academias e retomados como pensadores vanguardistas e inovadores, cujas reflexões ainda moldam o desenrolar do conhecimento nas Ciências Humanas e nas Artes.

O conhecimento é uma procura e não uma posse (JAPIASSU, 1992, p. 87).

A frase do professor Hilton Japiassu, em seu ensaio “A atitude Interdisciplinar no sistema de ensino”, sintetiza o dilema em que se encontram os campos de conhecimento e os sistemas educacionais. Como possibilitar o diálogo entre as disciplinas, campos de conhecimento, ainda tão fortemente arraigados em seus postos de verdade – imutáveis e absolutos? De que modo fugir dos reducionismos científicos? Como se esquivar de fórmulas estagnadas, esquemas continuamente inertes, descontextualizados? O interdisciplinar se reconhece como um movimento de intelectualidade, marcando-se pela interpenetração conceitual, metodológica entre as diversas práticas científicas: *O interdisciplinar não é algo que se ensine ou se aprenda. É algo que se vive. É fundamentalmente uma atitude de espírito.* (Id., ib., p. 89).

As ciências, enquanto discurso de saber, se dialogam no espaço da sua linguagem. Tudo na existência humana tem sua origem pela linguagem; se a linguagem é múltipla, plural, o homem é, também, um ser múltiplo, plural, mas ao mesmo tempo singular em sua diversidade identitária; por extensão, a ele, ao homem, cabem-se conhecimentos que sejam múltiplos, variáveis, cambiáveis, em constante jogos de poder:

A questão 'o que é o homem' precisa ter seu ponto de partida lá onde, segundo a aparência mais rudimentar, mesmo a mera interpelação discursiva e a mera denominação do ente pelo homem se alça como uma humanização de todo ente: a questão precisa começar pela linguagem (HEIDEGGER, 2010, p. 281)

Considerações finais

Qual a relevância do discurso científico-acadêmico e sua pertinência para o desenvolvimento da sociedade? Qual o papel do intelectual, do artista, do pensador, do filósofo, do professor, do cidadão em face à sociedade do século XXI, a sociedade líquida das diferenças visíveis? É possível, através da arte, da cultura e do saber promover a melhoria da sociedade? Com os ECse fizeram visíveis, na prática, a interdisciplinaridade³. É de relevável consideração as análises sobre a Interdisciplinaridade nas Ciências Humanas, como em VASCONCELOS (2002). O conceito de interdisciplinaridade no discurso das Ciências Humanas tem suas raízes nas análises e no discurso filosófico de Nietzsche, Heidegger e Derrida, posto que ao se discutir o homem, enquanto ideia, discute-se o valor do saber, da cultura e do conhecimento. Atualmente, vivemos a era dos jogos simbólicos, das relações fluidas, das conexões em rede. O que isso acarretará à sociedade, enquanto transformação cultural, não se sabe; mas com as mudanças *in vita*, há sempre mudanças no pensamento. Novas vivências sempre trazem novas possibilidades de se ver, ler e entender o mundo.

Infine, este artigo perpassou por uma (frise-se, apenas uma) análise sobre o Homem e a Linguagem, através de uma leitura hermenêutico-comparativa acerca dos conceitos de cultura, identidade e diferença de três pensadores e filósofos da linguagem: Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger e Jacques Derrida, *dialogando*, ainda, com Stuart Hall e suas observações críticas sobre identidade cultural. Linguagem, Homem e Cultura: termos conceituais criados que ao se interligarem possibilitam, juntos, certa compreensão, interpretação e entendimento

sobre a vida, sobre a existência e suas marcas. É com a linguagem que o ser opera suas diferenças, fazendo o seu existir e possibilitando ser (à humanidade), em sua essência, ser diferente.

Notas

1 Sobre o conceito de *Différance* em relação aos Estudos Culturais e ao pensamento nas Ciências Humanas na contemporaneidade. Cf.: DERRIDA (2014).

2 Para perceber como se dá o processo do jogo das ciências e do pensar cf. HUIZINGA (2010).

3 Após a criação do CCCS (Center for Contemporary Cultural Studies), diversos trabalhos e pesquisas, que tinham o Discurso como meta, foram empreendidos, embasados em relações metodológicas interdisciplinares. Por exemplo, Raymond WILLIAMS (2011) cujos trabalhos de investigação se dão nos limites entre a Literatura, a História e a Cultura na formação social inglesa. JOHNSON (2000) traz um panorama histórico em “O que é (afinal) os Estudos Culturais”.

Referências

- DERRIDA, Jacques. **Espectros de Marx**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- _____. **A escritura e a Diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- _____. **Margens da Filosofia**. Rio de Janeiro: Papyrus, 2010.
- _____. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- _____. **Différance**. In: <http://projectlamar.com/media/Derrida-Differance.pdf>. Acesso em 30 de nov. 2014
- FOUCAULT, Michel. **Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2006.
- _____. **Arqueologia do Saber**. São Paulo: Forense Universitária, 2009.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2012.
- _____. **A identidade na pós-modernidade**. São Paulo: Lamparina, 2013
- _____. **Identidade e Diferença**. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Belo Horizonte: Vozes, 2014.
- HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche**. São Paulo: Forense Universitária, 2010. v.1-2.
- _____. **Ser e verdade: a questão fundamental da filosofia**. Belo Horizonte: Vozes, 2012.
- _____. **A caminho da Linguagem**. Belo Horizonte: Vozes, 2013.
- HOBBSBAWN, Eric. RANGER, Terence. **The invention of Tradition**. London: Cambridge University Press, 2005.
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- JAPIASSU, H. A atitude interdisciplinar no Sistema de Ensino. In: **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, 1962, v.1, nº 1.

- JOHNSON, Richard. **O que é, afinal, Estudos Culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org. trad.). Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- MARX, Karl. **Teses sobre Feuerbach**. In: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>. Acesso em 27 de nov. 2014.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Loyola, 2002.
- NIETZSCHE. **Escritos sobre educação**. São Paulo: Loyola, 2003.
- _____. **Para além do bem e do mal**. São Paulo: Cia. das Letras, 2008a
- _____. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Cia. das Letras, 2008b
- _____. **Humano, demasiado Humano**. São Paulo: Cia. das Letras, 2008c
- _____. **Vontade de Poder**. São Paulo: Cia. das Letras, 2008d
- _____. **Assim Falava Zaratustra**. Rio de Janeiro: Escala, 2008e
- _____. **Gaia Ciência**. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.
- _____. **Ecce Homo**. Porto Alegre: LP&M, 2013
- VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade**. Belo Horizonte: Vozes, 2011.